

Gostava de redacções, como gostava! Dos seis filhos da família Santos apenas ele e a Nazaré (que andava no 9.º ano) gostavam de escrever; de resto eram também os únicos que passavam horas a ler, nos tempos livres, sem que os pais tivessem de impingir-lhes os livros.

Agora que estava a começar mais um ano lectivo e tinha uma nova professora de Língua Portuguesa, o Jorge queria mostrar a sua veia para a escrita e o tema da composição, «As minhas férias de Verão», era-lhe favorável, aliás era até demasiado fácil de desenvolver, mas nem por isso se desmotivava.

— Têm até ao fim da aula — disse-lhes a professora. — Quero, pelo menos, uma página e, claro, sem erros! Agora, estão no sexto ano! Não me escrevam como meninos do primeiro ciclo!

— Podemos inventar? — perguntou um dos colegas do Jorge, a quem as férias não tinham enchido as medidas.

A professora respondeu que sim, mas que preferia que se dessem a conhecer o melhor que pudessem nas linhas que escrevessem sobre o tema proposto.

O Jorge pegou na esferográfica e começou, então, a sua composição:

*Este último Verão aconteceram coisas importantíssimas na minha vida, ou melhor, na vida da minha família.*

*Logo que começaram as minhas férias, a mãe do meu pai, a avó Estefânia, faleceu (que é uma palavra de que eu, por acaso, gosto, quero dizer, é melhor do que «morreu», que dá logo vontade de chorar). Ela tinha uma doença que se chama Alzheimer (espero que esteja bem escrito!) e já tinha feito 78 anos, que é uma idade bastante avançada. De qualquer maneira, sei que vou sentir falta da avó Estefânia, porque ela era simpática e fazia uns biscoitos fantásticos com sabor a canela e a limão, a que pôs o nome de «lagartos».*

*Os meus pais, os meus cinco irmãos e eu fomos até à vila onde os meus avós viviam, na Beira Interior, para assistirmos ao funeral que, por lá, se chama «enterro» (uma palavra que acho péssima).*

*A partir dessa altura, o meu pai e a minha mãe decidiram que era boa ideia convidar o avô Alberto a vir morar connosco, para não ter de ficar sozinho.*

*Então, no princípio de Agosto, viemos todos para Lisboa com o avô e fizemos algumas mudanças em casa: o Zé Luís, meu irmão mais velho que anda no 12.º, ofereceu o quarto dele para o avô lá ficar e passou a dormir no meu, que eu só partilhava com o meu irmão mais novo, o Frederico, que ainda anda no 1.º ano, porque só tem 6 anos.*

*Ao contrário do que aconteceu nos anos anteriores, não fomos para o Algarve, porque o meu pai, de um momento para o outro, ficou desempregado e não tivemos dinheiro para alugar a casa do costume. No princípio, tive um*

*bocado de pena, mas depois até foi divertido ficar em Lisboa, porque demos muitos passeios com o avô Alberto que conhecia mal a cidade e gosta bastante de ver monumentos, museus, jardins, estátuas e outras coisas assim culturais. É que o meu avô não andou numa universidade, mas trabalhou, até se reformar, numa livraria onde era gerente e é a pessoa mais culta que eu conheço. Sabe histórias incríveis e conta-as de uma maneira que faz rir ou chorar. Rir ou chorar com vontade mesmo! Ninguém conta histórias como ele — inventadas ou verdadeiras!*

*Ainda fomos algumas vezes à piscina municipal, porque todos gostamos de nadar, até a Nina, que tem 3 anos e é a mais nova da família. Na verdade, a Nina ainda não sabe nadar, mas já adora sentir-se na água, o que mostra rindo-se imenso. Um dia, vou ensiná-la a nadar de bruços, que é o estilo mais fácil e tenho a certeza de que ela vai aprender.*

*Em relação às últimas férias, não tenho mais nada de especial para dizer, a não ser que, realmente, nunca na vida aprendi tanta coisa cultural!*

\* \* \*

Cerca das 3 horas da tarde, Maria Lúcia foi buscar a filha mais nova ao infantário «A tartaruga e a lebre», na zona de Alvalade. Era, sem dúvida, a escola ideal para a Nina, que nascera com trissomia 21; lá, podia conviver com crianças com limitações idênticas e diferentes das suas, mas também com meninos e meninas que tinham nascido saudáveis, por outro lado, podia contar com o apoio de educadores e

técnicos especializados e experientes que se empenhavam em estar atentos aos progressos e dificuldades de cada uma das crianças que lhes eram confiadas.

— Como é que ela se portou? — perguntou Maria Lúcia à educadora da filha.

— Muito bem, mas não quis acabar de comer a fruta, a marota...

A Nina riu-se, olhando a mãe que logo se despediu:

— Vou andando, Isabel. Estou desejosa de saber como correu o primeiro dia de aulas ao meu Frederico, que começou agora o 1.º ano e não queria, por nada, sair do jardim-escola... Deve ter passado a manhã inteira a choramingar...

Quando ia a dirigir-se para a carrinha de nove lugares que o marido tinha comprado seis anos antes e já precisava de reforma, cruzou-se com uns amigos, pais de um colega da Nina, que também nascera com trissomia 21.

— Então, o Ricardo já está melhor? — perguntou Maria Lúcia, fazendo uma festa nos cabelos do pequeno Ricardo que estivera uma semana ausente do infantário.

— Foi uma virose — respondeu o pai do menino. — Já está fino.

— E tu, Lúcia, já começaste as aulas no colégio? — quis saber Celestina, a mãe do Ricardo, referindo-se ao estabelecimento de ensino onde Maria Lúcia dava aulas de Educação Musical aos alunos do 2.º ciclo, no horário da manhã.

— Já. Os miúdos ainda estão muito desassossegados a pensar nas férias grandes — comentou Maria Lúcia. — É preciso paciência...

— Não sei como tens coragem, para ires aturar essa malta barulhenta tendo seis filhos, Lúcia! — exclamou Celes-

tina, genuinamente admirada. — Eu só tenho o Ricardo e já me vejo grega...

Riram-se todos. Depois, o marido de Celestina quis saber:

— E o Francisco? Já arranjou trabalho?

— Ainda não, Leonel. Mas estamos esperançados! Ficaram de entrevistá-lo numa empresa do Seixal onde precisam de admitir um engenheiro. Já está desempregado faz agora seis meses e, como devem saber, o subsídio não é grande coisa... Por enquanto, tem dado explicações de Física e Matemática ao filho de um amigo, que passou para o 12.º, como o nosso Zé Luís, mas está muito atrasado nas matérias.

— Que maçada... — disse Leonel, imaginando as dificuldades pelas quais aquela família estaria a passar.

— Tudo se há-de arranjar — atalhou, optimista, Maria Lúcia, que não era de desesperar. E acrescentou, com um sorriso: — O Francisco é um homem honesto, tem muita experiência profissional e é capaz de se adaptar facilmente. Tenho a certeza de que, com a ajuda de Deus, há-de arranjar um bom emprego outra vez! Bem, agora tenho mesmo de ir andando para ir buscar o Frederico à escola dele. Até amanhã. — E disse adeus acenando com a mão, para que a filha a imitasse, o que a Nina fez, com muita ternura como era do seu temperamento.